

A PRESENÇA FEMININA NA OBRA *RIOS E BARRANCOS DO ACRE*, DE MÁRIO MAIA

Ruth Negreiros da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho se propõe a refletir acerca da presença da mulher nos seringais da Amazônia, especificamente acreanos, a partir de uma abordagem da obra *Rios e Barrancos do Acre*, de autoria de Mário Maia, tomando como base os debates realizados na disciplina Linguagem, Sociedade e Diversidade Amazônica do Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre. Para tanto, lança-se mão de pesquisa bibliográfica visando fazer o levantamento dos dados pertinentes à presença da mulher nos seringais, bem como a sua participação e influência histórica e social no processo de desenvolvimento da cultura de produção da borracha. Há uma ideia de ausência feminina durante o período dos grandes ciclos de extração e produção gomífera, e, quando a mulher aparece, é mostrada apenas como vítima e sem função social nenhuma. Tenta-se desconstruir tais conceitos a partir da análise da obra supracitada, associando a ela os dados trazidos por Perrot (1992), Wolff (1999), Del Priore (2004) e Pizarro (2012). Outros nomes foram utilizados para ilustrar os apontamentos apresentados como Reis (1953), Jim Sharpe (1992), Brandão (2006), Cunha (2009) Tocantins (2011) e Fares (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Seringal. Mulher. Borracha.

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the presence of women in the rubber plantations in Amazon, specifically in Acre from an approach to the work *Rivers and Ravines of Acre*, by Mario Maia; building on the discussions in the subject Language, Society and Amazon Diversity Graduating Program in Letters Languages and Identities of the Federal University of Acre. Therefore, we used bibliographic research aimed to survey the relevant data to the presence of women in rubber plantations as well as their participation and social and historical influence in the development process of rubber production culture. Through the analysis of the aforementioned work by linking to it the data brought by Wolff (1999), Perrot (1992), Pizarro (2012) and Del Priore (2004). Other names have been used to illustrate the notes presented as Brandão (2006), Reis (1953), Tocantins (2011), Jim Sharpe (1992), Cunha (2009) Fares (2013).

Keywords: Rubber plantation. Woman. Rubber.

¹ Mestranda em Letras: Linguagens e Identidades pela Universidade Federal do Acre. Especialização em Pedagogia Gestora pela Faculdade Euclides da Cunha (2010). Graduação em Licenciatura em Letras – Inglês (2006). Secretária Executiva lotada no *campus* Floresta. ruth.ufac@hotmail.com

Introdução

Os acontecimentos históricos têm sido narrados de forma a parecerem muito mais grandiosos do que realmente são, devendo-se isso ao grande número de adjetivos que caracterizam os sujeitos envolvidos nessas façanhas. No entanto, é importante salientar que esses pomposos acontecimentos são, em sua grande maioria, contados por indivíduos do sexo masculino que exaltam a coragem e a ousadia de outros homens, geralmente possuidores de altos cargos. Como ressalta Jim Sharpe (1992) os fatos são narrados sempre do ponto de vista do comandante, nunca do soldado, do subalterno². Alguns grupos sociais foram, durante vários séculos de história, completamente ignorados.

Não havia interesse em contar ou abordar as experiências históricas do ponto de vista da massa do povo; nesse grupo poderíamos incluir os trabalhadores braçais, operários, militares de baixas patentes e, é claro, as mulheres. Como a história foi sempre encarada como a exposição de feitos heroicos e grandiloquentes, o interesse da elite era que os seus feitos fossem vistos dessa forma. Assim, as opiniões políticas e sociais da classe dominante seriam mantidas com mais facilidade e os feitos apresentados tomados por verdade única e incontestável.

A partir do século XIX o interesse de alguns historiadores começa a apontar para a necessidade de busca de uma nova perspectiva para a chamada “história da elite” (SHARPE, 1992. p. 40). Havia uma ânsia de se ampliar a visão até então dada a História, explorando a participação de homens e mulheres que até o momento haviam sido totalmente esquecidos.

Pensando, portanto, que a mulher tem sido uma dessas vozes silenciadas pela História oficial durante muitos anos, é que nos debruçamos sobre a temática feminina e sua aparição no livro *Rios e Barrancos do Acre*. Nessa obra há uma pintura do Acre pós Segunda Guerra Mundial, período em que os seringais estavam sendo substituídos pelas cidades que nasciam. No entanto, os seringais do Acre sobressaíram-se durante décadas como grandes extratores do “ouro negro”, a borracha. O surgimento da bicicleta e do automóvel abriu as portas para a intensificação dessa produção, além de ter colaborado em muito para a transferência de grande número de

² Jim Sharpe no texto *A história vista de baixo*, enfatiza que a história oficial apresenta os dados apenas pela ótica do vencedor. Para ele, havia a necessidade de uma visão ampliada do real, com a percepção das classes mais baixas da sociedade.

nordestinos³ para as paragens do Extremo Oeste do país. A borracha é a protagonista da história do Acre, da Amazônia, na verdade. Graças à atração que ela exerceu sobre grupos de pessoas que vieram (re)fazer suas vidas em tão longínquo espaço, foi possível o desenrolar de novas relações sociais, culturais e históricas.

Dessas relações surgiu uma sociedade que precisou se adaptar às novas realidades encontradas na floresta, como a abundância, por exemplo, de água; as primeiras levadas de nordestinos vindos para a região a partir de 1877 saíram de uma região totalmente devastada pela seca e depararam-se com a realidade totalmente inversa. É notável, no entanto, que grande parte dos estudos históricos sobre a Amazônia e sobre o Acre, especificamente, trate da vida no seringal, da saga pela coleta do látex⁴, como uma atividade essencialmente masculina, realizada por homens. Abordar a presença da mulher na obra *Rios e Barrancos do Acre*, ressaltando com isso, a participação feminina no desenvolvimento histórico e cultural do nosso Estado, corroborado por trabalhos como o de Cristina Scheibe Wolff (1999) é a ideia fundamental deste trabalho.

Tal temática apresentou-se no decorrer das exposições feitas na disciplina Linguagem, Sociedade e Diversidade Amazônica, ministrada pelos professores Francisco Bento da Silva, Francielle Maria Modesto Mendes e Hélio Rodrigues da Rocha, ocasião em que muitas questões foram apresentadas, além de leituras para a realização de um trabalho voltado para a ótica apresentada.

Quando homens e mulheres passaram a conviver dentro de relações de gênero baseadas não apenas nas convenções outrora estabelecidas pela sociedade ocidental, mas também pelas condições inspiradas pela vida na floresta que apresentavam novidades inclusive no modo de realização do trabalho. Havia migrantes que vieram acompanhados da família; outros sozinhos, com a esperança de angariar recursos para retornar ao seio familiar; outros, que eram solteiros, constituíram família na Amazônia com filhas de outros migrantes, com índias ou com mulheres trazidas aos seringais por circunstâncias diversas.

³ O termo nordestino não é usado no XIX no sentido que atribuímos hoje. Para saber mais veja Durval Muniz de Albuquerque Júnior em, *A invenção do Nordeste*. No entanto, no decorrer de nosso texto utilizamos os termos nordeste e nordestino para facilitar a compreensão do leitor.

⁴ Segundo o dicionário Aurélio: Suco espesso, quase sempre alvo, que brota de muitas plantas quando feridas. Neste caso, refere-se ao leite da seringueira, do qual se forma a borracha, após o processo de defumação.

No decorrer do texto apontamos como se davam essas relações de gênero, ilustrando com a obra em estudo, na tentativa de realizar uma desconstrução da ideia da ausência da mulher no seringal; da ideia da mulher vista sempre e apenas como vítima e sem função social, pensamentos estes incutidos em nosso imaginário por causa do silenciamento da figura feminina outorgado pelos historiadores até há bem pouco tempo em suas narrações. Para Wolff (1999, p. 15) “situar as mulheres no centro da análise histórica de um trabalho sobre o Acre tem ainda um sentido militante tanto na historiografia da região, que costuma ignorar quase por completo a experiência social das mulheres [...]” justamente por sempre se tratar a história como algo essencialmente masculino.

Antes dos apontamentos pertinentes à obra em estudo fizemos um estudo geral acerca do tema, mostrando que a mulher esteve presente nos seringais amazônico-acreanos desde o começo, quando as primeiras levas de imigrantes nordestinos se embrenharam para estas bandas, embora elas contassem um número bastante reduzido.

Não se trata de defender uma história feminina, mas de apresentar práticas que eram assumidas pelas mulheres muitas vezes em nome da necessidade. Mulheres e homens, em dados momentos, assumiram papéis que competiam ao outro gênero, mas foram sendo incorporados ao cotidiano da comunidade para se preservar o equilíbrio e a manutenção da sobrevivência. Wolff aborda com competência essa temática, além de muitas outras que revelam a presença e, mais importante que isso, a participação da mulher no dia-a-dia de tarefas e estabelecimento de um seringal acreano.

Apresentamos ainda alguns conceitos e análises concebidos por Michelle Perrot (1992), Ana Pizarro (2012), Ruth Silviano Brandão (2006) e Leandro Tocantins (2011) para ilustrar e enfatizar momentos históricos onde as vozes femininas estavam apagadas e começaram a ser ouvidas. Arthur Cezar Ferreira Reis (1953) também faz uma apresentação da vida no seringal e a relação do seringueiro com esse ambiente que passou a ser, para muitos, um lar definitivo. Com uma riqueza na descrição dos tipos de mulheres que formaram a população feminina de hoje, Mary Del Priore (2004) traz contribuições importantíssimas para compreendermos nosso objeto de estudo, bem como os relatos de viagem de oficiais da Igreja Católica traduzidos por Manuela Carneiro da Cunha (2009), além de um artigo de Josebel Akel Fares (2013).

De primeiro... As mulheres durante os primeiros ciclos da borracha

De primeiro⁵, tanto durante o *boom* da borracha (1870 – 1912) quanto no período da crise (a partir de 1913), época em que a borracha da Amazônia perdeu mercado para a goma elástica que estava sendo produzida em larga escala na Ásia, a presença da mulher nos seringais acreanos teve sua importância e participação apagadas pela História oficial, como bem corrobora Michelle Perrot no trecho: “Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria” (1992, p. 186). Não apenas na Amazônia, mas em todos os lugares do mundo, a voz da mulher era silenciada, ou quando muito associada a atitudes e afazeres domésticos. Para Brandão, “[...] a verdade sobre o feminino faz-se também como construção masculina, seja ela imaginária, mítica ou científica” (BRANDÃO, 2006, p. 116). O homem ditava o que era conveniente ou não à mulher fazer, pensar ou ser.

No entanto, é impossível negar que a extração do látex da seringueira para, a partir dele se fabricar a borracha, gerou um olhar de cobiça sobre a região, uma vez que esse produto passou a ser visto como a mola propulsora do mundo moderno, como ressalta Leandro Tocantins:

E quem não via, doravante, a borracha como uma necessidade humana, uma coisa que entrava nos hábitos cotidianos, que iria fazer parte insubstituível da complexa engrenagem dos transportes, do delicado aparelhamento cirúrgico, da complicada rede elétrica das cidades? (2001, p. 167).

O “ouro negro” passou a ser tratado como uma manufatura de extrema importância para as novas indústrias que se estabeleciam nas diversas regiões do país e fora dele. A borracha da Amazônia saía para abastecer o mundo, dada a grande demanda imposta pela Revolução Industrial que se estabelecia.

O fenômeno da seca nordestina de 1877, associado à grande propaganda do governo federal, alavancou o intenso movimento de migração para a região amazônica, com ênfase para o estado do Acre: “O Acre, de fronteira vazia passou a ser uma frente pioneira” (TOCANTINS, 2001, p. 184). A região era rica nas árvores produtoras do leite, mas pouco amistosa no que se refere às condições de vida humana. O nordestino foi um bravo, que, “vencendo os obstáculos do

⁵ Segundo Cristina Scheibe Wolff (1999, p. 41 e 43) “De primeiro” é uma locução adverbial utilizada com frequência, que significa “antes, antigamente”, trazida do Ceará e ainda usada na região do vale do Juruá. O título dessa parte do trabalho foi inspirado no capítulo 1 da obra da autora: *De primeiro... As mulheres na constituição dos seringais (1870 – 1912)*.

meio, [...] fez alterar o destino daquelas solidões. As realidades sociais que ele criou marcaram na geografia do sudoeste amazônico a nova fronteira do País” (TOCANTINS, 2001, p. 184). As multidões de pessoas vinham agenciadas pelos grandes proprietários de seringais e, ao chegarem ao Acre, eram direcionadas para a extração do leite da seringueira.

O chamado primeiro ciclo da borracha foi o período em que o seringal era uma unidade de produção específica de borracha, que se sustentou de tal forma por conta do alto preço desse produto. O único objetivo dos patrões da goma elástica “era conseguir o maior lucro possível nessa verdadeira corrida do ouro negro” (WOLFF, 1999, p. 75). É nesse período ainda que a História faz questão de salientar a inexistência da figura feminina, uma vez que “as mulheres, como não eram consideradas capazes para o serviço da extração” (WOLFF, 1999, p. 46) não eram trazidas para estas paragens. Como registram diversos historiadores a respeito da região, os homens que vinham do Nordeste com família, geralmente deixavam mulher e filhos em locais menos insalubres. Cristina Wolff responde a um questionamento proposto por ela própria:

Por que os homens vinham sozinhos, em sua maioria, do Nordeste? [...] A resposta é que **elas** vinham junto para a Amazônia em muitos casos, como ficou claro nos relatos de viagem já citados. Porém, possivelmente, as famílias vinham em menor número para os **altos rios, em regiões tão distantes como o Acre**⁶, permanecendo muitas vezes no Baixo Amazonas em Colônias Agrícolas ou em seringais (1999, p. 75).

Por isso, em muitos seringais acreanos à época era possível não ser encontrada uma mulher sequer (Wolff, 1999). Tal afirmativa é ressaltada por alguns autores de forma bastante enfática como vemos nos seguintes trechos: “Nem mulher se aventurava a acompanhá-lo ao ‘centro’ desolador” (TOCANTINS, 2001, p. 199);

Façonha realizada, em grande parte, pelo imigrante nordestino, não teve a assisti-la, e dela participar, a mulher. O nordestino repetia, desse modo, aquele episódio do Brasil nascente. Vinha só, e só tinha de atirar-se à selva para nela extrair o látex que os mercados europeus e norte-americanos solicitavam sofregamente (REIS, 1953, p. 121- 122).

No entanto, o movimento de produção e comércio dentro da unidade chamada de seringal não se fazia apenas entre o patrão, o coronel⁷ e o seringueiro. Havia outros

⁶ Grifos meus para enfatizar que muitos preferiam deixar suas esposas e filhos em lugares onde pudessem ter um pouco mais de conforto, ao invés de embrenhá-los nas matas longínquas do Extremo Oeste do país, onde o acesso ao local de trabalho propriamente dito era muito penoso.

⁷ Na região, designava o grande proprietário de seringais, que exercia autoridade sobre os seringueiros por conta do sistema de aviação a que estes foram submetidos.

empregados ‘intermediários’: um guarda-livros que cuidava da contabilidade e das contas correntes dos seringueiros, empregados de balcão; mateiros e fiscais; agricultores e trabalhadores nos engenhos; muitas vezes até um caçador e/ou pescador que se encarregava de fornecer gêneros à mesa do patrão. Era bastante comum que alguns empregados fossem acompanhados por esposas ou companheiras, que participavam então dos trabalhos do dia-a-dia do seringal (WOLFF, 1999, p. 68).

Dessa forma, não se pode apagar totalmente a voz da mulher no período que estamos tratando, como se sua figura fosse de todo inexistente. Elas participavam da vida na organização social onde estavam inseridas. Ajudavam nas lavouras e plantações dos patrões e na criação de animais. Mantinham em ordem a casa do coronel, bem como as habitações de suas famílias. O próprio Leandro Tocantins enfatiza a presença, embora escassa de pessoas do sexo feminino nos seringais ao afirmar que “Mulher, naqueles tempos, não havia no Acre todo. Era privilégio de pouquíssimos. Do patrão, constituído em família, do gerente, do guarda-livros” (TOCANTINS, 2001, p. 199), pois o que seriam as esposas do patrão e dos demais empregados, senão mulheres?

Justamente por conta de número reduzido de mulheres as relações sociais e de gênero foram sendo improvisadas, pois era inevitável a “construção de outro modo de vida” (WOLFF, 1999, p. 56), diferente do que estavam habituados no Nordeste. Havia a necessidade de adaptação à realidade e as fatalidades que o meio impunha. “Essa situação, como era natural, fez que a mulher fosse objeto cubiçado, sonho permanente do seringueiro isolado na floresta” (REIS, 1953, p. 122).

Tal situação se manteve por longo tempo, obrigando o homem da floresta, que morava muitas vezes numa colocação⁸ distante da sede do seringal, a entrar em disputa por uma mulher solteira que por ventura, aparecesse (REIS, 1953). Houve muitos casos também em que alguns seringueiros mais bem vistos pelos patrões encomendavam mulheres a estes, já que “ter’ uma mulher em um seringal daquele tempo era como ter objeto de luxo, que se podia comprar por quinhentos quilos de borracha” (WOLFF, 1999. p. 71). Muitos homens solitários nas matas aproveitavam o momento da realização das correrias⁹, onde muitas índias eram aprisionadas para sem amansadas. Depois de mansas tornavam-se companheiras dos seringueiros. No decorrer de

⁸ Área composta geralmente por duas ou três “estradas de seringa” destinada à exploração de um seringueiro.

⁹ Expedições de matança e apresamento de índios. Os indígenas tiveram aldeias totalmente destruídas, além de suas mulheres e crianças levadas para servirem os “brancos” (WOLFF, 1999).

sua obra Cristina Wolff (1999) reforça que tais uniões poderiam ser explicadas pela escassez de mulheres brancas no seringal, iniciando-se assim, o processo de miscigenação.

Em 1914 (já dentro do período considerado de crise do preço da borracha) o padre Constant Tastevin veio cumprir as desobrigas na região e fez o seguinte relato ao passar por uma comunidade no rio Môa: “Fui muito bem recebido por duas senhoras cujos maridos, ou melhor, aqueles que pensei terem direito a este título, estavam trabalhando” (CUNHA, 2009, p. 79). Pode-se inferir do trecho citado que essas mulheres não eram esposas legítimas dos homens com quem viviam, podendo ter chegado ao Acre junto “as partidas de mulheres, trazidas de toda parte, mesmo dos bordéis de Belém e de Manaus” (REIS, 1953, p. 123), ou ainda terem sido tomadas de seus respectivos esposos, uma vez que esta era uma prática tradicional trazida do Nordeste como afirma Mary Del Priore a respeito do rapto consentido, já que “muitas vezes o namoro não desejado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente” (2004, p. 267). Muitas mulheres não estavam satisfeitas com o relacionamento em que viviam e escolhiam novo parceiro, denotando um movimento de resistência e não passividade diante de uma realidade que não lhes agradava. Wolff confirma tal assertiva quando diz que “as mulheres não se portavam simplesmente como vítimas da situação. Talvez se possa até mesmo afirmar que elas sabiam tirar algum proveito dela, já que, com a ‘escassez’ de mulheres, acabavam podendo ‘escolher’ seus companheiros” (1999, p. 73). Em determinados momentos as mulheres assumiam o lugar de sujeito, abandonando o *status* de objeto, que muitas vezes lhes foi atribuído.

Poderíamos encontrar também, ainda que não muito comumente mulheres que optaram por viverem sozinhas, sem companheiro. Algumas perdiam o marido para as doenças ou feras da floresta e “conseguiram o apoio do patrão para permanecer por perto do barracão, explorando com os filhos alguma estrada de seringa” (WOLFF, 1999, p. 74). Vemos nesse caso, que a mulher não se mantinha numa postura resignada, entregue à própria sorte, pelo contrário, assumia uma atitude de enfrentamento, transformando a configuração tradicional do meio em que vivia. Esses dados comprovam que não existiu apenas o homem seringueiro, houve também as mulheres seringueiras.

Ainda no que se refere ao movimento de resistência, de não aceitar o padrão imposto e esperado pela sociedade machista secularizada, algumas mulheres preferiam assumir papéis informais, principalmente quando da instauração das primeiras cidades que se formavam nos

arredores dos rios, durante e logo após a Segunda Guerra Mundial. É o caso em que “várias mulheres optavam pela ‘carreira’ de prostitutas, o que, porém, não excluía a possibilidade de casamentos ou uniões estáveis que podiam corresponder a períodos de ‘parada no meretrício’, ou mesmo acontecer paralelamente” (WOLFF, 1999. p. 83). Diante disso, depreende-se que não era possível a manutenção dos mesmos padrões sociais comuns ao Nordeste do país, tendo em vista que as condições de sobrevivência no sudoeste amazônico apresentavam uma situação de instabilidade social bastante favorável à adoção de novas práticas e estas não incluíam simplesmente as tarefas domésticas. “Essas mulheres [...] não são simplesmente resignadas e passivas, mas tendem, pelo contrário, a erigir a sua visão de mundo como julgamento das coisas” (PERROT, 1992, p. 180-181).

No entanto, as mulheres que passavam a viver nos seringais acreanos, aprenderam como mulheres de diferentes lugares do mundo, adaptaram-se à nova realidade: “tiveram, no seu dia-a-dia de trabalho, de lutar pela sobrevivência” (DEL PRIORE, 2004, p. 242), principalmente quando os “ingleses criaram sementeiras na Inglaterra e depois desenvolveram as plantações em suas colônias asiáticas, onde o clima era propício e a mão de obra também” (PIZARRO, 2012, p. 122). Estamos nos referindo ao período de decadência da borracha da Amazônia que foi seguido pela chamada Batalha da Borracha (1943 – 1945), período em que o governo Getúlio Vargas recrutou imenso número de pessoas com destino aos seringais amazônicos “convocados através de um discurso de combate, como tropas de guerra, soldados da borracha; nesse marco e sob esta ideologia, novamente foram levados, a lugares distantes e insalubres da Amazônia” (PIZARRO, 2012. p. 160), para atender as demandas do aliado do país na Segunda Grande Guerra.

Assim, “na nova configuração social da região, as mulheres e crianças passaram a ter importância destacada, pois a diversificação das atividades necessárias à sobrevivência na floresta, demandava o esforço de todos” (WOLFF, 1999. p. 98). A borracha perdeu seu lugar de exclusividade, havendo a necessidade de aliar a extração do látex a outras atividades como o cultivo agrícola, caça, pesca e a criação de pequenos animais. Enquanto os homens iam para o corte, as mulheres e, em muitos casos os filhos, se ocupavam com essas atividades na nova perspectiva apresentada por essa sociedade que nascia da miscigenação e da necessidade de se afirmar uma nova identidade: a do povo da floresta. Ao invés da passividade de outrora, a postura

assumida é a de uma mulher que aprende, ensina “e exerce um ofício (no caso o de curandeira e parteira)”, como exemplifica Wolff (1999, p. 167).

As mulheres de *Rios e Barrancos do Acre*

A obra de Mário Maia¹⁰ é um misto de histórias que revela a vida nos seringais acreanos após a Segunda Guerra Mundial, época em que os soldados da borracha foram esquecidos nos confins da floresta e o sentimento de pertencimento àquele lugar instaurou-se dada a impossibilidade de retorno à terra natal, desejo da grande maioria. Muitos coronéis perderam fortunas, os seringais começaram a ficar menos povoados e as cidades nasceram no entorno dos antigos lugares de extração do látex, ou em muitos casos, do outro lado do rio. A própria obra faz referência clara a esse momento ao relatar que “Hoje em dia, com o preço do BCA um quilo de borracha não dá sequer para comprar uma lata de banha de um quilo. [...] As ‘colocações’ estão desertas e o mato bruto voltou a tomar conta das veredas e das ‘pernas de estrada” (MAIA, 19978. p. 29).

A leitura da obra permite perceber que o texto apresenta diversos *flashes back* de tempos passados, revelando o período áureo e de decadência da borracha acreana.

Entretanto, assim como na obra de Cristina Wolff, são citados tipos de mulheres que participaram no desenvolvimento da nova sociedade incipiente, o livro *Rios e Barrancos do Acre* apresenta diversas personagens que dialogam com os vários tipos femininos apresentados por Wolff, confirmando o papel fundamental exercido por essas e outras guerreiras anônimas na manutenção de um modo de vida na região.

A primeira personagem feminina apresentada por Mário Maia é Zuzu. Ela foi “achada” na mata por um seringueiro que, a princípio, pensou que “essa muié é a caipora do mato” (MAIA, 1978, p. 40), dado o caráter místico e mágico que sempre foi atribuído à figura feminina como reforça Fares ao afirmar que

“há inumeráveis nomações da deusa Morte ligada ao mundo das fêmeas. Considerada impura, porque expurga o sangue menstrual, misteriosa como as

¹⁰ Mário Maia, acreano, foi seringueiro, médico e político brasileiro: foi deputado federal e senador pelo Acre.

lunações, ela atrai e repulsa seu parceiro, pois é capaz de propiciar prazeres e trazer toda espécie de malefícios” (2012, p. 56).

Se a mulher tivesse a mesma liberdade da qual desfrutava o sexo masculino seria capaz de desarticular as forças da natureza. Passado o primeiro susto, Macário percebeu que a mulher que encontrou vagando na mata não lhe ofereceria perigo, convidou-a a ir morar com ele em sua colocação: “_ Desconfiado, ele, Macário, diz que resolveu convidar ela a ir com ele pra casa, sem entender patavina daquela história” (MAIA, 1978, p. 41). Vejamos que Zuzu não foi forçada a aceitar o companheiro, ela usou das “estratégias utilizadas pelas mulheres para escapar às contingências de sua situação” (WOLFF, 1999, p. 72); nesse caso, a possibilidade de ter um teto para dormir e comida para alimentar-se. Zuzu, cansada de perambular pela mata, passando necessidades e sujeita aos perigos das feras amazônicas decide que era uma boa oportunidade para receber e oferecer companhia ao seringueiro.

Outra personagem que apresenta uma saga bastante longa contada na obra é Maria das Mercês. “Aos treze anos, já era moça feita, quando lavava roupa no buritizal, no alto Macuã, no seringal São Francisco” (MAIA, 1978, p. 44). Órfã de pai, Mercês precisou aprender desde cedo os afazeres domésticos, pois a mãe vivia entrevada devido ao beribéri que adquiriu por conta da má alimentação no seringal.

Mas, como dizia, no buritizal, Maria da Mercês lavava roupa e tinha treze ano, quando foi deflorada pelo gerente do barracão que lhe deu em troca, da primeira vez, um vidrinho de perfume barato e um par de brincos de alumínio dourado, imitando ouro, que cedo desbotou, voltando à sua brancura fosca. Noutras vezes era um “cortezinho” de chita, um brinquedo, uma caixinha de biscoitos e outras bugigangas de que era pródigo o armazém, em cada vez que, sozinha, Maria ia à fonte lavar roupa dos de casa e do “Seu” Fermiro, o rapaz gerente do Barracão, sobrinho do Coronel Durado Farias (MAIA, 1978, p. 47).

Aqui fica evidente o caráter de exploração pelo qual Mercês passava, uma vez que não havia interesse no gerente Fermiro de estabelecer um relacionamento duradouro e oficial com ela, que era muito nova ainda. A mulher é aqui retratada como um objeto que está à disposição para satisfação dos desejos masculinos. Esse silenciamento da figura feminina é também reforçado pela pouca importância que ainda era dada ao trabalho desempenhado pelas mulheres nesse período; no caso de Mercês: lavar roupa. “O trabalho das mulheres nos seringais era, entretanto, invisível” (WOLFF, 1999, p. 80). Mercês, no entanto demonstra ter um sentimento pelo gerente, embora não entenda muito bem tudo o que aquela situação representava ou os motivos de sua irmã ter ficado tão brava ao descobrir o que acontecia entre os dois (MAIA, 1978). O psicológico

de Mercês é ilustrado por Brandão quando diz que “Desejada e percebida como complemento, ela remete à lógica do Um, da identidade, que supõe a possibilidade de fusão” (2006, p. 114). Como é de se esperar o desejo da mulher é de casar e constituir família, mas naquele momento o homem com quem se envolvera não tinha esse interesse.

Entretanto, Maria das Mercês não se limitou a aceitar aquela situação por toda a vida. Ainda bem jovem, por conta de situações adversas, foi morar na incipiente cidade de Rio Branco onde “fez amizades noturnas e não demorou muito passou a ‘vadiar’ com um e com outro” (MAIA, 1978, p. 56). Obviamente tal comportamento é visto como algo extremamente negativo, denotado pela expressão utilizada pelo autor (vadiar), já que não era aceitável que moças de famílias se portassem dessa forma, pelo contrário, “a elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos” (DEL PRIORE, 2004, p. 241). As mulheres que fugiam desses moldes deviam ser apagadas. Mercês dialoga com diversos tipos de mulheres retratadas por Wolff em seu trabalho quando “havia se amasiado com um seringueiro, porém não tivera sorte para permanecer juntos por maior tempo. Antes que lhe botasse uns chifres, preferiu separar-se dele” (MAIA, 1978, p. 65). Como reforça Mary Del Priore, muitas mulheres de classe baixa rebelavam-se contra situações que não aceitavam, o que acaba por desmentir muito dos estereótipos criados acerca da submissão passiva feminina (2004, p. 370). Mercês oferece resistência ao escolher outro companheiro que poderia lhe proporcionar melhores condições de vida: “Deixou entretanto Zé Florenço pelo chefe do comboio que lhe prometia vida melhor na margem, perto do armazém, vendo mais gente, [...]” (MAIA, 1978, p. 71). Ela não se conformava com o que a vida lhe propiciava, sempre buscava oportunidades melhores, pelo menos do seu ponto de vista.

A personagem Maria das Mercês representa ainda um outro tipo de mulher que habitou as paragens acreanas no tempos dos seringais e início dos estabelecimento das primeiras cidades: a prostituta. “Não tardou muito e Maria das Mercês começou a receber ‘visitas’ de homens de diversos tipos, físico e moral, em seu quarto alugado a Anália, dona do bordel naquele recanto da cidade” (MAIA, 1978, p. 57). A figura feminina sempre foi vista como frágil, incapaz de transpor os limites que lhe eram impostos; nesse caso, a personagem demonstra discordância frente às muitas limitações que eram atribuídas às mulheres ao revelar que é capaz de se manter sem a ajuda de um homem. Na verdade, “uma das atrações da cidade passava a ser justamente as

mulheres, especialmente as ‘de vida fácil’” (WOLFF, 1999, p. 87), já que muitos seringueiros, solitários, aproveitavam o dinheiro acumulado para gastar nessas ocasiões.

Algumas dessas mulheres ajudaram a constituir a sociedade das cidades acreanas como Maia demonstra em sua obra através de passagens como: “Por vezes, algum seringueiro que vinha à cidade no fim do ano gastar o saldo, ao regressar para o seio solitário da floresta, fazia convite de companheiro para amigamento. Algumas aceitavam, cansadas talvez de se despirem tantas vezes [...]” (MAIA, 1978, p. 64). Tal situação é corroborada por Reis, quando este enfatiza que os homens da floresta “aceitaram todas as mulheres que lhes apareceram, com elas se unindo para satisfazer as leis naturais e compor uma sociedade que possa ter estabilidade e melhor estrutura” (1953, p. 123). Fica evidente que naquela época era de fundamental importância a existência e estabelecimento dos grupos familiares; a partir deles é que se consolidaria uma sociedade nas cidades que estavam em formação.

Algo semelhante aconteceu à nossa personagem Maria das Mercês, quando após anos de vida no trabalho informal do meretrício reencontrou o primeiro amor de sua infância, o coronel Fermiro, que tomado pela culpa, “pediu que ela aceitasse ir viver com ele pelo menos como experiência depois de tudo o que tinha acontecido. Amigaram-se... Vieram os primeiros filhos. Casaram-se e dona Maria das Mercês tornou-se uma das senhoras mais respeitáveis daquelas bandas” (MAIA, 1978, p. 204). Maria das Mercês é um dos exemplos de mulher que não se conformou diante dos ditames impostos por costumes e tradições de outrora, pelo contrário, revela que a mulher vai assumindo outros lugares dentro do novo meio social que se instaura.

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir o seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher (DEL PRIORE, 2004, p. 250).

Essa passagem serve para revelar o cotidiano da próxima personagem de destaque na obra de Mário Maia: Helena. Esta era a irmã mais velha de Maria das Mercês. Helena acompanhou o trabalho do pai na coleta de látex na Segunda Guerra Mundial. Após sua morte assumiu o sustento da família, já que a mãe vivia impossibilitada de trabalhar. “Era um ‘homem’ no labor da seringa. Do corte à defumação, fazia de tudo. E desde quando o velho pai descera o rio mordido de cobra, ela passou em verdade a ser o ‘homem’ da casa” (MAIA, 1978, p. 53). Tal característica é retratada por Del Priore quando ressalta que “a organização familiar dos

populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós” (2004, p. 362). Helena nunca casou, preferiu manter-se sozinha, optou por construir sua vida sem vinculação a um homem. Na verdade, ela mesma fazia o papel do homem já que “ser homem era ser ‘seringueiro’, produzir muita borracha, ser forte, violento até, quando fosse tocada sua ‘honra’. Ser mulher era ‘pertencer’ a um homem, pai, marido ou companheiro” (WOLFF, 1999, p. 81). É visível que Helena exercia sem medo um papel de resistência diante do que era imposto, esperado de uma mulher dentro daquele meio social. Ela quebra regras e se impõe, juntamente com outras tantas desconhecidas frente à constituição de um modo de vida tipicamente novo.

Helena vivenciou a transição entre a decadência da vida no seringal e o estabelecimento de cultivos primitivos da lavoura, que estavam nascendo nos arredores dos seringais em abandono e no entorno das novas cidades. “Assim, passou Helena de seringueira a colona. Ela mesma brocava, derrubava, queimava, encoivarava, plantava, fazia as limpas e colhia as migalhas de sementes que se multiplicavam com a força de seus músculos femininos [...]” (MAIA, 1978, p. 58). Diante da impossibilidade de os patrões do látex suprirem como outrora, as necessidades básicas do seringueiro dentro da colocação, dada a grande desvalorização pela qual passou o preço da borracha na Amazônia, muitos trabalhadores passaram à atividade de colonos, o que denota uma “nova relação com a floresta, marcada por diversificação de suas atividades” (WOLFF, 1999, p. 119).

A mesma autora ainda esclarece que “muitas dessas pessoas, porém, podem ter-se deslocado na própria região, para as margens do rio Juruá e às proximidades e Cruzeiro do Sul, por exemplo, locais em que a agricultura passava a ser a principal atividade desenvolvida” (1999, p. 104). Fica evidente, após o período dos “Soldados da borracha”, a produção de látex na região foi diminuindo muito em comparação com o início do século XX. Diversos fatores concorreram para isso e, é certo, no entanto, que as mulheres acompanharam e participaram ativamente nos diversos momentos, cada uma com as atividades que decidiram assumir ou que lhe foram atribuídas.

Há ainda outras personagens femininas citadas na obra *Rios e Barrancos do Acre*, no entanto acreditamos que as trabalhadas nesse artigo são suficientes para a argumentação a que nos propomos, já que as demais são apresentadas muito superficialmente no romance.

Considerações finais

Como a proposta do presente trabalho era refletir a respeito da presença da mulher nos seringais da Amazônia, com ênfase na abordagem apresentada na obra de ficção *Rios e Barrancos do Acre*, de autoria de Mário Maia, concluímos que a pesquisa bibliográfica foi satisfatória no sentido de revelar como se deu a atuação feminina nos períodos abordados. A mulher sempre esteve presente no dia-a-dia da constituição da sociedade acreana, mesmo que em determinados períodos em número muito inferior ao da população masculina. Afinal, como essa população poderia crescer e expandir-se sem a participação e a presença atuante da mulher, sem o contato entre os sexos para que houvesse a perpetuação da espécie?

No que tange a sua participação e influência histórica e social no processo de desenvolvimento da cultura de produção da borracha, podemos depreender que não foram apenas os homens os responsáveis pela extração do látex e confecção da borracha. Em momentos ímpares da história do Acre, a participação da mulher foi imprescindível como mantenedora ou como auxiliar na manutenção da família, uma vez que o núcleo familiar mostrou-se indispensável para a consolidação da nova estrutura social que emergia. O homem poderia se manter sozinho por um período de tempo, no entanto, as leis naturais reivindicaram a presença da mulher como complemento necessário dentro das relações de gênero que se estabeleciam.

No entanto, essas relações nem sempre seguiram os padrões que haviam sido impostos pela História ou tradição ocidental, sendo muitas vezes determinadas pelas condições de vida advindas da vida na floresta que se apresentava cheia de improvisações inclusive no modo de realização do trabalho. Dos migrantes que vieram acompanhados da família, alguns tiveram a mulher tomada por outro; grande número ainda constituiu família na Amazônia com filhas de outros migrantes, com índias ou com mulheres trazidas aos seringais por eles próprios ou pelos patrões, independente de serem mulheres “respeitadas” ou não.

A ideia de ausência feminina durante o período dos grandes ciclos de extração e produção gomífera foi desconstruída diante da pesquisa e análise realizadas, assim como a visão da mulher apresentada apenas como vítima, como espectadora da história. Diversas mulheres vindas do Nordeste ou nascidas no Acre, durante os períodos de grande movimentação nos seringais, não se contentaram com as situações ou papéis impostos a elas e tomaram as rédeas de suas vidas como

auxiliadoras dos maridos ou familiares ou ainda como seringueiras autônomas, prostitutas, colonas, etc.; dadas as circunstâncias e necessidades para se preservar o equilíbrio e a manutenção da sobrevivência.

Percebe-se também que, após a Segunda Guerra Mundial, com a derrocada do preço da borracha e a decadência dos seringais, fez-se necessária a criação de outro modo de vida que não incluía apenas a borracha como centro da garantia de manutenção do sustento. A agricultura, a caça e a pesca foram sendo introduzidas no cotidiano dessa população que se matinha de pé, agora contando mais ainda com a força de trabalho da mulher e, muitas vezes dos filhos. A mulher não apresenta uma postura passiva, ao contrário, mostra-se disposta para o trabalho e para o aprendizado de novas culturas que passaria aos filhos como garantia da consolidação de uma determinada qualidade de vida.

Estávamos acostumados a olhar apenas para os grande feitos narrados pela História oficial, sem considerar que as tarefas do dia-a-dia, as atividades realizadas no anonimato seja por homens ou mulheres também contribuem e muito para o desenrolar da trama da história de determinado local, bem como para o desenvolvimento da sociedade que ora o habita.

É evidente que a obra *Rios e Barrancos do Acre* é muito rica em conteúdo histórico e literário, ao enfatizar a grandeza da floresta com suas riquezas, perigos e beleza; numa justaposição a eventos históricos que podem ser confirmados. E para reforçar esse caráter da obra encerremos nosso trabalho com uma citação de Wolff que dialoga muito bem com a temática feminina abordada na análise feita:

Mercadorias, privilégios, meras acompanhantes, objetos de disputa, eram alguns dos papéis desempenhados pelas mulheres nessa trama. Mas não se pode ignorar as outras facetas de suas vidas. Foram também participantes do esquema produtivo, por meio do trabalho na borracha, sozinhas ou repartindo com o marido e os filhos as múltiplas tarefas que ele envolvia; ou por meio de serviços, chamados “trabalhos domésticos”, que garantiam a subsistência, o conforto e a vida nos seringais, nas vilas e na cidade [...] (1999, p. 90).

O estudo realizado nos permitiu concluir que nem mesmo a História oficial é feita sem a presença daqueles considerados indignos de serem citados ou lembrados. Outros indivíduos, assim como as mulheres, que foram nosso objeto de análise no momento, fizeram e fazem todos os dias parte da História do lugar onde habitam. Cada ser tem algo a contribuir com a história de sua localidade, cada um ter “a sua” percepção individual dos acontecimentos.

Referências

- BRANDÃO, Ruth Silviano Brandão. *Mulher ao pé da letra: A personagem feminina na literatura*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio: 2009. (Série Monografias).
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto 2004.
- FARES, Josebel Akel. Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (org.). *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. (p. 41-62)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MAIA, Mário. *Rios e Barrancos do Acre*. 3. ed. Niterói: 1978.
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Traduzido por Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.
- PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*. Traduzido por Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.
- SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: editora da Unesp, 1992.
- TOCANTIS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. 4. ed. Brasília: Senado Federal, 2011. 2v.
- WOLLF SCHEIBE, Cristina. *Mulheres da Floresta: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.